



## REDES DIGITAIS DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Juciano de Sousa Lacerda<sup>1</sup>

IELUSC - Joinville, SC

PPGCOM - UNISINOS

**Resumo:** Este trabalho, fruto de dissertação, investiga *as transformações* no processo de *produção de significações* dos membros da Rede de Comunicadores Solidários à Criança (*Recomsol*), no *ambiente digital* da lista de discussão <Comunicatist@>, identificando-o como *novo lugar de produção de significações*, em que os participantes desenvolvem *táticas e estratégias de comunicação*, fazem *usos e apropriações* específicos e desenvolvem e fortalecem *vínculos* com o grupo. Para isso, construímos um procedimento *metodológico plural e flexível de observação* dos ambientes presencial e digital, tendo como base as *táticas e estratégias* construídas nos *usos e consumos* dos produtos da técnica, de Michel De Certeau; a noção de *materialidade discursiva* de Eliséo Verón para analisar *e-mails* como produtos que ofertam “contratos de leitura”, além de desenvolver a produção e recepção partindo das *habilidades e competências* comunicativas e suas relações com as tecnologias, sob a perspectiva das *mediações socioculturais* de Jesus Martín-Barbero.

### 1. Contribuições para uma solidariedade digital

Como preâmbulo, queríamos ressaltar o fato de o significativo desenvolvimento da comunicação digital vir conduzindo abordagens em torno de uma *cultura da virtualidade*,<sup>2</sup> sendo o termo *virtual* a palavra do dia. As relações são “virtuais”, a política e a economia são “virtuais”, as comunidades se “virtualizaram”. Mas o que marca de fato o “virtual” e a “virtualidade” é a *representação digital*,<sup>3</sup> capaz de materializar, na forma de imagens, “realidades” que podem até não ter referência direta no real-histórico,<sup>4</sup> mas são concebidas, produzidas mediante a ação imaginativa,

---

<sup>1</sup> Professor do Curso de Jornalismo e do Curso de Turismo c/ Ênfase em Meio Ambiente do IELUSC, Joinville – SC. Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos-RS. Pesquisador do Núcleo de Estudos da Comunicação (Necom-IELUSC) e do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais do PPGCOM da Unisinos.

<sup>2</sup> Sherry Turkle. *A vida no Ecrã – a identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1997.

<sup>3</sup> Para Paul Virilio, as telecomunicações atuam sobre o espaço numa “*superposição instantânea da imagem atual e da imagem virtual*”, fazendo substituir a noção de perspectiva da representação *quatrocentista* do real pela noção de plano do virtual. Paul Virilio. *A bomba informática*. São. Paulo: Estação Liberdade, 1999, p. 117.

<sup>4</sup> Com o advento da digitalização, para Muniz Sodré, o conceito de imagem tradicionalmente conhecido, de reprodução analógica de um referente real, por meio de um dispositivo técnico, não se enquadra muito bem. E indica um outro, o de *visualização*, “*entendido como a pura verificação ótica de um funcionamento técnico*”. Isso devido à origem da imagem



criativa do homem; portanto, ainda são representações que, por sua força simbólica, atuam na realidade. Logo o termo chave desse novo processo tecnológico de representação é o *digital*, uma vez que o *virtual* ficou banalizado, esvaziado de sentido, ao significar qualquer coisa – do dinheiro ao sexo – até mesmo o que *não é real, falso*, no senso comum. Assim, propomos recuperar o termo chave do processo, tratando como *processos de comunicação digital* as abordagens relacionadas à comunicação via Internet e dos processos de produção de sentido marcados pelos aspectos dessas novas tecnologias de representação.

Feito isso, entramos num aspecto que, embora não sendo o eixo central de nossa pesquisa, é uma questão de fundo de total relevância para situar o que apresentamos neste trabalho: o reconhecimento de que, hoje, a América Latina tem muito a contribuir na discussão mundial sobre a *Sociedade da Informação*, para que não se incorra novamente num desequilíbrio entre os interesses sociais e os interesses do mercado mundial, de cunho *neoliberal*, na forma como serão regulados a produção, a circulação, o acesso e os usos das tecnologias de comunicação digital. Uma das críticas que podem ser feitas à noção de *Sociedade da Informação* é que sua matriz, a possibilidade de um sistema de comunicações originado da fusão entre mídia de massa globalizada e rede mundial de computadores interconectada pelo digital, centra-se nas possibilidades econômicas e neo-imperialistas das novas tecnologias da informação e da comunicação.<sup>5</sup> No formato que está posto, o único ator que conseguiu globalizar-se plenamente foi o *mercado*, como ressaltou Jesus Martín-Barbero, a *porta de entrada da Sociedade da Informação*, hoje, é a *sociedade de mercado*.<sup>6</sup> A Sociedade Civil tem avançado lenta, mas progressivamente, nesse sentido em todo o mundo, como nos apontou Dênis de Moraes ao tratar da *cibermilitância*.<sup>7</sup> No entanto, precisamos ampliar essa prática, esse aprendizado de organizações civis e movimentos sociais de caráter transnacional, que se articulam mundialmente em rede e fazem variados usos da Internet. Sim, eles são importantes desde que possam iluminar perspectivas claras sobre como estender o acesso às formas de comunicação digital até os bairros populares, periferias das grandes cidades e zonas campesinas empobrecidas.

---

digitalizada não provir de referências “*figuráveis no real-histórico*”, mas de processamentos algoritmos. Muniz Sodré. *Antropológica do Espelho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 76.

<sup>5</sup> Manuel Castells. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 387ss.

<sup>6</sup> Jesús Martín-Barbero. *Comunicación y solidaridad em tiempos de globalización*. Conferencia no 1º Encontro Internacional de Comunicadores Católicos. 1999, p. 9. (Acessado em 02/05/2002). [www.jmcommunications.com/spanish/barbero.html]

<sup>7</sup> Denis de Moraes. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001a.



E, nesse sentido, vem a pergunta: “*Mas como fazer?*”. Não temos respostas, mas algumas *trilhas construídas* para apontar. Na *trilha tecnoperacional*, é necessário retomar como inspiração de desenvolvimento tecnológico o processo de surgimento da World Wide Web, marco da Internet como suporte midiático, criada pelo físico Tim Berners-Lee, mas fruto da solidariedade entre pesquisadores de Universidades e Centros de Pesquisa Internacionais e os sonhos libertários de uma comunicação sem fronteiras de jovens estudantes idealistas, em porões e garagens.<sup>8</sup> A WWW não pertence ao seu criador, a preocupação em manter essa *interoperabilidade* e garantir avanços sociais da comunicação midiática digital levou-o a propor o *World Wide Web Consortium* ([www.w3c.org](http://www.w3c.org)),<sup>9</sup> cuja base são centros universitários de pesquisa tecnológica, que atua como fórum neutro e aberto em que as companhias e organizações preocupadas com o futuro da Web discutem e apóiam a criação de novos protocolos comuns.

Quanto à *trilha tecnopolítica*, insistimos ser preciso reconhecer que, no continente latino-americano já acumulamos um número *qualitativamente* considerável de *apropriações mestiças* (abordaremos a seguir) das tecnologias de comunicação e informação digitais e, ao mesmo tempo, temos dentro de nossos países grandes desequilíbrios de acesso a essas modernas estruturas interligadas de comunicação. Esse desequilíbrio nos possibilitou criar uma sensibilidade, uma compreensão do problema, que os países desenvolvidos que estão na linha de frente da discussão não possuem, pois é um *outro*, fora de suas fronteiras altamente informatizadas e vigiadas, que sofre o problema. É muito pouco provável que tenhamos nos próximos dez ou quinze anos solucionado os desequilíbrios dos sistemas de comunicação digital entre os países do globo, tema que tem como resultado o encontro da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação, a realizar-se agora, em 2003, em Genebra, e, em 2005, em Tunis, principalmente se for mantida uma visão de países altamente desenvolvidos que, “condoídos” pela situação dos menos favorecidos, prestam-lhe “solidariedade”, doando-lhes tecnologia para que se desenvolvam, para fazer o sistema equilibrar-se. Novamente teremos

---

<sup>8</sup> Paulo Vaz. “Cronologia da Internet”. In: *Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia*. Nº 13-14, janeiro-agosto de 2001. pp.81-99. Manuel Castells. *A sociedade em rede*, 2000a, pp. 266-381.

<sup>9</sup> Suely D. Fragoso et. al. *Mídias digitais - revisão histórico-conceitual*. Documento hipertextual produzido como material de apoio para a disciplina Mídias Digitais, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Original disponibilizado pela autora, 2001b.



um movimento de *dependência*, de difusão de tecnologias para eles, obsoletas, mas para nós, geradoras de desemprego, de exclusão cultural e social.<sup>10</sup>

Nessa linha, vemos que a América Latina pode servir de referência, modelo para si, para o Brasil e para os demais países *sub-desenvolvidos* ou em “vias” de desenvolvimento, tanto na forma como está ocorrendo a universalização das telecomunicações como – e aqui entra o que propomos como *trilha tecnocultural* – no *uso e apropriações mestiças* das tecnologias de comunicação digitais. O exemplo do Peru, onde temos as Cabinas<sup>11</sup> que oferecem acesso à Internet e serviços de produção digitais, no qual o modelo desenvolvido pela Rede Científica Peruana foi plural, não se restringiu ao eixo governamental – de criação de telecentros nas escolas públicas – nem ao campo da Sociedade Civil organizada – telecentros não-lucrativos coordenados por ONGs –, mas ofertou também um outro padrão de telecentro, no formato de pequenas empresas populares, que se difundiram pelos bairros mais distantes e, ao mesmo tempo, estavam gerando protagonismo e renda para famílias locais. Ainda é preciso resolver o problema da produção de conteúdo local, mas uma *cultura de acesso* às mídias digitais vem se construindo. E uma cultura de usos que não se restringe ao entretenimento, mas se pauta pela busca de serviços, de ofertas de trabalho e para contactar parentes que migraram para outros países ou residem em regiões distantes do Peru. O custo do acesso, por hora, ainda é alto, mas sua perspectiva nesses países é de uma universalização coletiva/pública e não privada – dentro do lar; ao contrário, no Brasil, vem sendo privilegiado o acesso privado, por causa da lentidão em tomar decisões por parte do governo federal e organizações implicadas no processo como o Programa Sociedade da Informação no Brasil ([www.socinfo.org.br](http://www.socinfo.org.br)).

A *mestiçagem entre tecnologias* mais baratas como o cassete e de ponta como sistemas digitais de transmissão via-satélite e Internet possibilitaram à Coordenadora Nacional de Rádio, do Peru, articular em uma rede social de comunicação rádios de grande e pequeno porte tecnológico de todo o país. A cobertura de uma mobilização nacional por todo o país, a “Marcha dos Quatro Cantos”, envolveu a prática de um jornalismo investigativo e cidadão, dinamizado pela combinação de diversas formas de comunicação e transmissão de

---

<sup>10</sup> Eduardo Galeano. *As veias abertas da América Latina*. 41ª ed., São Paulo, Paz e Terra: 2002, 265.

<sup>11</sup> Sandro Venturo. *Cabinas, acceso y redes sociales*. Especial Cabinas Internet, Dilemas. (Acesso em 12/01/2003). [[http://www.yachay.com.pe/cabinas\\_peru\1.htm](http://www.yachay.com.pe/cabinas_peru\1.htm)]. Jorge Bossio. *Estudios sobre las cabinas de Internet en el Peru*. Especial Cabinas Internet, El fenómeno. (Acesso em 12/01/2003) [[http://www.yachay.com.pe/cabinas\\_peru\2.htm](http://www.yachay.com.pe/cabinas_peru\2.htm)].



informação, digitais e analógicas: *correio-eletrônico, chat, site informativo*, transmissão em rede via satélite, gravações em cassete, com repercussão dentro do Peru e em vários países da América Latina e Europa, que contribuiu para a queda do ditador Alberto Fujimori.<sup>12</sup> A atuação da CNR é paradigmática para colocar outro ponto em pauta, a pauta da *Sociedade da Informação* não deve ser somente sobre Internet,<sup>13</sup> mas deve haver toda uma estratégia em função do *digital* como base de diálogo para toda e qualquer tecnologia de comunicação e informação, para que se garanta essa possibilidade de usos mestiços; caso contrário, teremos meios de última geração sem *interoperabilidade*, ou seja, sem diálogo entre os sistemas. Esta é a bandeira defendida, na América Latina, pela CRIS (Campanha pelo Direito à Comunicação na Sociedade da Informação),<sup>14</sup> que engloba um conjunto de associações de comunicação radiofônica, ONGs, instituições comunicacionais confessionais, agências de informação latino-americanas e investigadores em comunicação.

A tecnologia digital vem sendo incorporada por essas redes sociais e solidárias de comunicação, proporcionando diferentes significações sobre seu sentido e, ao mesmo tempo, provocando uma redefinição de *modos* de comunicar culturalmente constituídos nessas redes como *fóruns, debates, encontros presenciais, telefone, carta e fax*. Esses modos de comunicar já desempenhavam o papel de conectar, juntar e aproximar contextos distintos. Para potencializar e enriquecer novas formas de usos e apropriações mestiças, faz-se necessário pensar um projeto solidário de comunicação, amplamente discutido nos vários fóruns acadêmicos, sociais e de mercado, na América Latina, que não fique na atitude de deslumbramento com a *comunicação digital*, mas que produza possibilidades concretas pautadas no cotidiano de seus povos e culturas.

---

<sup>12</sup> Pedro Sanchez Coronel, diretor da CNR. *Entrevista a Juciano Lacerda*, São Leopoldo, RS, abril de 2002.

<sup>13</sup> O Relatório de Desenvolvimento Humano aponta que dos 500 milhões de usuários no mundo (2002), 72% estavam em países da OCDE, com elevados rendimentos. 164 milhões residem nos Estados Unidos. PNUD. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2002: aprofundar a democracia num mundo fragmentado*. Lisboa, Mensagem: 2002, p.10. [versão pdf]

<sup>14</sup> A CRIS da América Latina tem como co-fundadores a Agência Latino-americana de Informação (ALAI), a Associação Latino-americana de Educação Radiofônica (ALER), a Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC), o Instituto



## 2. Rede solidária de comunicação

No mapa dos movimentos sociais, ONGs e redes de solidariedade social brasileiros que têm se preocupado com os processos comunicacionais e têm feito apropriações diversas das novas tecnologias de comunicação, encontramos a Pastoral da Criança.<sup>15</sup> Em 19 anos de existência trabalhados para consolidar uma ação social voluntária no campo da saúde, hoje, reconhecida internacionalmente,<sup>16</sup> os últimos nove anos<sup>17</sup> representaram, para a organização, a redefinição e construção de um conjunto de estratégias de comunicação social, que vão para além de uma assessoria de comunicação tradicional. Uma mestiçagem de modelos e matrizes comunicacionais populares, alternativas e massivas: da comunicação interpessoal, em visitas domiciliares e reuniões, ao jornal tablóide bimestral com 250 mil exemplares, passando pelo programa de rádio semanal *Viva a Vida*, veiculado em 1.343 emissoras do país, mas sem esquecer a parceria com a TV Globo, no programa *Criança Esperança*, e o site [www.pastoraldacrianca.org.br](http://www.pastoraldacrianca.org.br). Diversos atores estiveram envolvidos na construção desse projeto de comunicação, a exemplo de agentes da própria Pastoral, comunicadores populares, professores universitários e profissionais do mercado que, a partir de movimentos táticos dentro do campo da comunicação, foram se apropriando de experiências coletivas e constituindo estratégias sólidas. Um desses atores surgiu da aproximação entre a Pastoral da Criança e a União Cristã Brasileira de Comunicação: a Rede de Comunicadores Solidários à Criança,<sup>18</sup> cuja ação capilarizada abrange 23 estados e contribuiu para constituir o que é hoje, com seus limites, claro, o modelo comunicacional voltado para a mobilização social da Pastoral da Criança.

---

do Terceiro Mundo (ITM), a Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS), a World Association for Christian Communication (WACC), Regina Festa e Alfonso Gumucio Dagrón.

<sup>15</sup> A Pastoral da Criança é um organismo de ação social da CNBB que acompanha mensalmente mais de 76 mil gestantes e 1,6 milhão de crianças carentes menores de seis anos. Graças à dedicação de mais de 155 mil voluntários (entre líderes comunitários, coordenadores e equipes de treinamento), a mortalidade infantil foi reduzida a menos da metade da média nacional nas 32.743 comunidades em que a entidade está organizada. No ano 2001, o índice de mortalidade entre as crianças acompanhadas pela Pastoral da Criança foi inferior a 13 mortes para cada mil nascidas vivas. Segundo o IBGE, a mortalidade infantil no Brasil é de 34,6 p/mil. Cf. Comunicação Social do IBGE. *ONU e IBGE divulgam relatórios de população*, Notícias, 11/12/2001. [[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)]

<sup>16</sup> Já são 14 os países que iniciaram ou estão implantando ações com base no modelo da Pastoral. Na África: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique; na América Latina: Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Venezuela, Colômbia, México; na Ásia: Timor Leste e Filipinas. O reconhecimento de seu trabalho já rendeu duas indicações oficiais do governo brasileiro para o Prêmio Nobel da Paz (em 2001 e 2002).

<sup>17</sup> De 1994 a 2002, mas, principalmente entre 1995 e 2001.

<sup>18</sup> Os mais de 500 comunicadores pertencentes à *Recomsol* são jornalistas, radialistas, relações públicas, publicitários e artistas populares.





Fizemos essa rápida introdução para chegarmos naquilo que nos interessa pontualmente investigar: a Rede de Comunicadores Solidários à Criança, que passaremos a chamar de *Recomsol* e, especificamente, a produção de sentido no processo de comunicação construído nas interações entre os membros desta rede social de comunicação, processo este que teve importante contribuição para os resultados sociais obtidos pela Pastoral da Criança e para o fortalecimento da imagem dessa organização no conjunto de seu voluntariado e na sociedade brasileira, e que sofreu transformações nas operações de produção e reconhecimento de sentidos, quando um novo meio de comunicação se fez palco e cenário de expressão das práticas comunicacionais cotidianas da *Recomsol*: a <Comunicalist@>, uma lista de discussão no ambiente digital da Internet.

Nessa perspectiva, *vislumbramos* a <Comunicalist@> como um **novo lugar de produção de significações** da *Recomsol*, em cujo ambiente digital os participantes desenvolvem **táticas e estratégias de comunicação**, fazem **usos e apropriações** específicos, fortalecem e ou desenvolvem **sentidos de pertencimento** ao grupo muito além de uma *rede de trabalho* voluntário.

Podemos situar a *Recomsol* como *ator* e, ao mesmo tempo, *co-autor* das políticas de comunicação da Pastoral da Criança, com tendências a cada vez mais transcender esse lugar. Em vista disso, as *ações de comunicação* começaram a ser desenvolvidas a partir de um modelo em que os meios (rádio, jornal, site, vídeos educativos, sistema de informações etc) não teriam a função de *instrumento* da Coordenação Nacional da organização para convencer as lideranças comunitárias. A chave estaria em o modelo de comunicação pôr em relevo o *processo* de transformação da pessoa e do local onde vive, sua comunidade.<sup>19</sup> A *reflexividade* seria um processo constante para repensar a ação, ou seja, estaria aproximado de um modelo de educação problematizadora, que valoriza o *pensar*.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> A diferença é que os líderes comunitários não são *externos* à comunidade, que ali vieram se estabelecer e se *converteram* ao meio popular, passando a viver do mesmo modo. É claro que Betto referia-se a padres e religiosos que vinham de uma outra cultura e, às vezes, de outros países, e passavam a viver e celebrar nas comunidades de base. Muitos agentes de CEBs surgiram do meio popular e traziam consigo o saber local. Frei Betto. “Comunicación Popular y Iglesia”. In: Regina Festa y Carlos Eduardo Lins da Silva (orgs.) *Comunicación popular y alternativa*. Buenos Aires, Ediciones Paulinas: 1986. p.108. O líder comunitário da Pastoral da Criança, em sua maioria, mulher e pobre, surge na própria comunidade, é mãe e foi acompanhada enquanto era gestante ou porque teve um filho à beira da morte por desnutrição.

<sup>20</sup> Pedro Gilberto Gomes. “A comunicação não-manipuladora e a construção da cidadania”. In: *Tópicos de teoria da comunicação*. S. Leopoldo, Unisinos: 2001, pp.101-113.



Nessa linha, quando são propostas pautas para a mídia, esta é vista como *espaço em que a sociedade se vê, reconhece-se e interage*. Um lugar de *legitimação*.<sup>21</sup> As pautas são configuradas a partir da própria lógica midiática: dados expressivos e confiáveis, mas com uma oferta de sentido, materializada nas práticas cotidianas dos atores sociais marginalizados – carregadas de expressividade local – que, mais do que informar, procura desafiar o público e os próprios jornalistas com a experiência desses atores. E tanto na mídia massiva como nos meios internos da Pastoral da Criança, a notícia publicada é construída como *espaço de celebração*.<sup>22</sup> E toda pauta que dá resultado em forma de notícia publicada na mídia de massa, mesmo modalizada segundo os enquadramentos propostos pela narrativa jornalística, é ressignificada como *ato celebrativo*.<sup>23</sup>

No entanto, essa perspectiva encontrou, dentro de setores da Pastoral da Criança, certas resistências. A proposta *relacional* de comunicação que vinha sendo construída conseguiu se sobressair até o primeiro semestre de 2002, mas um núcleo decisório dentro da coordenação da organização gostaria de fortalecer o caráter *transmissional* dos meios, operando-os como um *dispositivo centro-comunidades*. Isso traz o risco eminente de se subjetivar esse complexo sistema de práticas comunicativas tradicionais, midiáticas e midiaticizadas, separando o sentido das práticas de seus *sujeitos-autores*: comunidades, lideranças e equipes de coordenação, o que conduziria a uma “*dissolução tecnocrática do político*”,<sup>24</sup> ou seja, todos os conflitos entre os atores sociais seriam explicados/justificados ou, mesmo, deslocados para os aspectos técnicos do sistema de comunicação.

A *Recomsol* foi fecundada na União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), numa reunião da Rede de Jovens Comunicadores, em 1994 que haviam percebido uma crise de identidade em sua ação. Necessitavam de uma causa, que surgiu na parceria com a Pastoral da Criança. A organização foi um útero e mãe para a rede solidária de comunicação que despontava, encontrando ali uma força identitária: a causa da criança. Mas ainda estava presente uma matriz significativa na construção da identidade e do *ethos* da *Recomsol*: a

---

<sup>21</sup> Muniz Sodré. *Televisão e psicanálise*. S. Paulo, Ática: 1987, p. 59.

<sup>22</sup> Frei Betto. *op.cit.*, 1986. p.112-113

<sup>23</sup> Sobre a celebração como elemento constitutivo da comunicação popular, Regina Festa lembra que o “culto” se tornara, na época da repressão, o único lugar em que se podia falar e comunicar os feitos importantes da comunidade. Portanto, as ações eram celebradas no momento em que comunicadas, durante a partilha do Evangelho ou mesmo nos cânticos e ritos litúrgicos. Cf. Regina Festa. *Movimentos sociais, Comunicación popular y alternativa*. In: *op. cit.*, 1987, p. 19.

<sup>24</sup> Jesús Martín-Barbero. *De los medios a las mediaciones*. México: Gustavo Gilli., 1987, p. 224.





mediação da UCBC, e toda sua história de empenho por uma *comunicação libertadora*,<sup>25</sup> por uma postura política da comunicação marcada pela luta pela democratização dos meios e pela relação *comunicação social e educação*.

As práticas da *Recomsol*, materializadas no desenvolvimento de uma comunicação interpessoal e grupal, no agendamento social da mídia e no incentivo à produção de programas de rádio que valorizassem os sujeitos e ações locais foram contribuindo para a construção de uma definição de comunicação, em o que *ato de comunicar* significa *interatuar, relacionar-se, projetar-se, afirmação do próprio ser*<sup>26</sup> e, necessariamente, encontrar *prazer* no que faz. Essas características do *ato de comunicar* são compartilhadas por todos e contribuíram para construir o ambiente existencial, material e simbólico da *Recomsol*, que ocupa, organiza e se reproduz nos *modos* de comunicação *presencial, telefone, carta e digital* como práticas, maneiras, formas em que se (re)produzem *sentidos, estratégias, códigos, competências, valores e vínculos socioculturais*. Esses ambientes de comunicação são atravessados pela *solidariedade*, como prática real e simbólica, pautada num sentido moral de lutar para que *situações de morte* (desnutrição, pobreza, analfabetismo etc), como diria Paulo Freire, mudem em *situações de vida*.<sup>27</sup>

As maneiras de conceber o papel da comunicação na sociedade, as vias para reconhecer-se membro, para atuar e fazer comunicação solidária em rede na *Recomsol* refletem-se nas estratégias de interação que se consolidaram, como *hábito*, primeiramente no ambiente presencial. Neste sentido, destaco as *dinâmicas de grupo*,<sup>28</sup> em sua forma comunicativa, que são atravessadas pelo *humor*, pela *liberdade de brincar* com o outro. Códigos que fazem parte do **ethos da Recomsol**, motivados por uma *atmosfera cultural*, ou seja, um *clima*, um *ambiente* em que se dão as interações nos contextos específicos, não só no *modo presencial*, mas também nos *modos telefone, carta e digital* da Rede. Em síntese, os

---

<sup>25</sup> Sobre esse tema, ver Pedro Gilberto Gomes. *op. cit.*, 2001; Inesita Araújo. *A reconversão do olhar*. São Leopoldo, Unisinos: 2000; e “Política de comunicação das ONGs: documento final do XVIII Congresso da UCBC”. In: Iraci Maia Didoné e José Eugênio de Menezes (orgs.). *Comunicação e política – ação conjunta das ONGs*. S. Paulo, Paulinas, 1995, p. 235-242.

<sup>26</sup> Aqui nos apropriamos de algumas características do *comunicar* propostas por Daniel Prieto Castillo, a partir do olhar da educação, que em muito se assemelham à prática comunicacional da *Recomsol*, que denominamos como um *modelo relacional*. Cf. Daniel Prieto Castillo. *La comunicación en la educación*. Argentina, La Crujía: 1999, pp. 39-41.

<sup>27</sup> Paulo Freire. *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra, 2001

<sup>28</sup> “A *dinâmica de grupo, como canal não-escrito de comunicação, integra a comunidade por ser um canal operativo vivencialmente pelo emissor (a própria comunidade): aquilo que mostra é o que ela mesma diz e o que faz.*” Frei Betto. *op. cit.*, 1986, p. 113.

elementos espirituais e existenciais que habitam, dão significação, pautam os costumes e modos de agir dos membros da Rede partem dos seguintes eixos simbólicos:

- a utopia de uma sociedade diferente;
- o poder realizar-se no campo profissional e social;
- os valores cristãos, destacando a *solidariedade*;
- a defesa da causa da criança;
- a prática comunicativa *relacional* capaz de provocar laços operativos sem divorciá-los da cumplicidade e amizade.

As construções simbólicas do modo de conviver e de atuar da *Recomsol*, na perspectiva *relacional*, que não separa a ação coletiva da cumplicidade, da amizade, do afeto, surgiram no ambiente *presencial* da Rede e foram reproduzidos, de certa forma, nos modos *telefone e carta*. Mas a *reprodução* e a *transformação* das significações sobre o *estar juntos*, o *interatuar*, o *relacionamento*, a *projeção e afirmação do ser membro* da Rede e, claro, o *prazer*, ocorreram de maneira expressiva com a *atuação no ambiente digital* de comunicação: a <Comunicalist@>.

A <Comunicalist@> tem em suas *condições de produção*<sup>29</sup> uma característica midiática, ou seja, constituir-se, nas significações dos membros da *Recomsol*, como um espaço de *telecomunicação de visibilidade pública*, em que o sujeito, ao produzir uma mensagem, pensa em um *coletivo*, em uma *audiência*, mesmo que esse público seja um grupo de 50 pessoas. Nessa *convergência* entre o grupo social, a *Recomsol* e o suporte midiático digital <Comunicalist@>, vimos o aceno de uma **nova racionalidade produtora e organizadora de sentido**,<sup>30</sup> ou seja, um processo que denominamos **midiatização digital**. A princípio, configuramos uma compreensão dessa *racionalidade* como um *ethos* midiatizado, em que os princípios, as práticas cotidianas, os modos de vida e de significação da ação da *Recomsol* estariam objetivados no *sistema tecnológico digital*, cuja configuração como

---

<sup>29</sup> Eliseo Verón. *La semiosis social: fragmentos de una teoría de la discursividad*. Gedisa. Barcelona: 1996, p. 125.

<sup>30</sup> Maria Cristina Mata. “De la cultura masiva a la cultura mediática”. *Revista Diálogos de la Comunicación*, Lima, FELAFACS, nº 56, outubro de 1999, p. 84.

*espaço-informação*,<sup>31</sup> em que a *informação digital* se estabeleceria como princípio de estruturação do ambiente simbólico e, possivelmente, sobre as lógicas de compreensão do ambiente presencial, do modo telefone e da carta, o que Muniz Sodré denominou como *bios-midiático*<sup>32</sup> e, Milton Santos, de *tecnoesfera*.<sup>33</sup>

E, como *espaço-informação*, portanto mediado por linguagens, teríamos o processo de semiose infinita, como diria Eliséo Verón, em que o sentido produzido é que constrói, mobiliza, organiza as ações, portanto teríamos um *ethos simbólico*, edificado a partir das significações construídas, em interação, pelos membros da *Recomsol* no ambiente digital. Contudo, essa racionalidade midiaticizada pela visão tecnologizada do modo de viver, pela configuração social por objetos técnicos e cibernéticos e pela linguagem enquanto técnica de construção e representação é perpassada por outros sentidos, materializados na forma de usos, apropriações e matrizes culturais, propostos por Jesus Martín-Barbero, constituindo um processo de *mediação pela cultura*, na forma do que denominaríamos de um *ethos mestiço*. Este *ethos* seria marcado, principalmente, por uma cultura de *solidariedade* entre sujeitos, ações e modos de comunicação. No diálogo entre essas formulações e as significações construídas nas falas dos membros da *Recomsol* e nos pactos estratégicos e táticos de comunicação no ambiente digital, propusemo-nos a identificar as formas de vinculação e de identificação como estratégia para caracterizar o que seria esse *ethos* da *Recomsol*. Mas era preciso construir um *modo de ver*, de *elevantar-me* até o *real concreto*, no campo de pesquisa, que havia provocado toda essa construção teórica e, ao mesmo tempo, era o único que, em sua *complexidade*, trazia as possíveis *representações*.

### 3. Pluralidade, flexibilidade e mestiçagem metodológica

Para nós foi um desafio, enquanto exercício de pesquisa em comunicação na perspectiva dos processos midiáticos, conseguir descentrar o olhar das especulações sobre as potencialidades das *inovações tecnológicas*. Em vista disso, nossa compreensão sobre as

---

<sup>31</sup> A idéia, representação visual de espaço construída com a informação digital. Ver Steven Johnson. *A cultura da interface*. Rio de Janeiro, Zahar.: 2001, p. 15-16.

<sup>32</sup> Muniz Sodré. *Antropológica do espelho*, Petrópolis, Vozes: 2002, p. 75.

<sup>33</sup> A noção de *tecnoesfera*, proposta por Milton Santos, em que o espaço passa a ser definido pela racionalidade da distribuição, localização e funcionalidade dos objetos técnicos. Milton Santos. *Técnica, espaço, tempo*. S. Paulo, Hucitec: 1994.

*inovações* foi determinada pela seguinte lógica, vê-la por *um duplo movimento*: *passivo*, quando as mídias tradicionais se atualizam tecnologicamente mediante operação de incorporação das *inovações*, e *ativo*, quando são as características da *inovação* que definem a constituição de mídias recentes, no nosso caso, a *base digital*, cujo exemplo de maior visibilidade, hoje, é a Internet.

E quando se trata de inovação, há sempre o risco de a instituição social acabar incorporando a visão difusionista em sua prática, de que a produção de sentido se dá automaticamente, segundo os moldes pré-estabelecidos na oferta de sentido contida no produto tecnológico. Pensando na relação *Recomsol* – Pastoral da Criança, sabíamos da possibilidade de aprovação pelo Governo Federal da criação dos Telecentros organizados pela instituição,<sup>34</sup> o que poderia levá-la a sugerir a criação de listas de discussão dentro dos estados, semelhantes à <Comunicalist@>. Diante dessa possibilidade, construímos nosso argumento de pesquisa sob a ótica de que é na *interação* entre *produção e usos* que o sentido se constrói e abre possibilidade para novas ressemantizações,<sup>35</sup> o que nos levou a duas indagações: *como* e *que* sentido é produzido? O entendimento dessa questão nos fez olhar a comunicação dentro da *Recomsol* como um processo em que os modos de comunicação foram construídos e instituídos numa perspectiva interacional, entre os participantes. Isso nos fez levar em conta, ao analisar a <Comunicalist@>, a importância de relacionar significações que surgissem em torno dos outros modos de comunicação já estabelecidos na *Recomsol*: o *ambiente presencial*, a *carta* e o *telefone*. E o que se apresentou foi uma visível *mestiçagem* dos modos de comunicar, o que nos levou a observar *distinções, complementaridades e atravessamentos* entre eles, mas ainda a partir do *modo digital*, para não fugir dos nossos objetivos.

O processo de pesquisa nos interpelava a sempre fazer opções, inclusive para a compreensão e análise do fenômeno dos usos da <Comunicalist@> pelos membros da *Recomsol*. Os usos e consumos da tecnologia digital materializados nas mensagens e as significações ali presentes como marcas discursivas, desenvolvemos como estratégias e táticas

---

<sup>34</sup> Contudo, os telecentros para a Pastoral ainda não foram liberados, mas a criação do programa *Nou-Rau* está relacionada a essa possibilidade dos telecentros em 300 comunidades onde atua a organização.

<sup>35</sup> Antônio Fausto Neto. *Ensinando à televisão*. João Pessoa, Editora UFPB: 2000, pp. 8-9.



de comunicação, partindo das contribuições de Michel de Certeau.<sup>36</sup> Ao mesmo tempo, retornamos a Eliseo Verón para podermos situar as estratégias e táticas de comunicação, na análise, identificando e relacionando a *materialidade discursiva* e os pactos de sentido, enunciados como *contratos de leitura*<sup>37</sup> possíveis entre os membros da Rede em interação no ambiente digital. Mas a nossa *problemática* não envolvia somente o produto, as mensagens que circularam na <Comunicalist@>, era preciso interagir com os membros da *Recomsol*. E, nisso, estivemos sempre conscientes do nosso grau de envolvimento e buscamos desenvolver essa capacidade de estar *em posição exterior para escutar*, uma necessidade em qualquer pesquisa que queira um mínimo de cientificidade. Esta disposição nos fez reconhecer o quanto a documentação em vídeo tinha interferido na observação, em novembro de 2001, pois a comunicadora do Maranhão, no segundo encontro (maio 2002), veio a mim e comentou estar sendo muito mais tranqüila, para ela, a segunda fase da pesquisa, uma vez que me centrei mais na documentação com diário de campo. Ela só assumiu essa postura de protagonista do processo, contribuindo claramente para os resultados da pesquisa, porque reconheceu nossa abertura para a *escuta*. Para acontecer essa atitude de *escuta*, implicitamente, incorporamos uma visão metodológica de que o pesquisador é que se *eleva até o concreto*, o campo de pesquisa, em busca de apropriar-se deste e produzi-lo como *concreto espiritual*, a representação.<sup>38</sup>

À complexidade do concreto – observação da <Comunicalist@> e dos ambientes do encontro presencial, interação com os sujeitos da pesquisa e coleta de materiais – procuramos responder com uma *pluralidade de métodos*<sup>39</sup> (observação etnográfica, documentação de e-

---

<sup>36</sup> As estratégias têm a ver com um saber que é poder. Postulam um *lugar próprio*, com espaços delimitados, dominados pela vista quem observa, mede, controla e absorve tudo o que pode se considerar estranho. Michel De Certeau. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes: 2000. p. 100. E o receptor, quando opera por táticas, realiza margens de manobra sobre os pactos ofertados, sobre o *lugar* que lhe é proposto. Mas em suas operações, como qualquer operação tática, “*o fim é a vitória*”. Carl von Clausewitz. *Da Guerra*. São Paulo, Martins Fontes: 1996. p. 115.

<sup>37</sup> Cf. Eliseo Verón. “Análise do ‘contrato de leitura’: um novo método para os estudos de posicionamento dos suportes impressos”. (*L’analyse du “contract de lecture”: une nouvelle methode pour les études de positionnement des supports presse*), in *Les médias – experiences, recherches actuelles, applications*. IREP, Paris: 1985. pp. 203-229. Tradução do original francês organizada em apostila pelo prof. Dr. Giovandro Ferreira para *Curso de Midia e Discurso*. PUC-RS, 2001. p. 10.

<sup>38</sup> Embora tivéssemos essa postura, só depois viemos identificar que havia sido sistematizada por Karl Marx, o que nos motivou a refletir sobre ela na dissertação. Karl Marx. *Contribuição para a crítica da economia política*. Lisboa, Editorial Estampa: 1977, p. 228-229.

<sup>39</sup> No conjunto, realizamos cinco entrevistas em profundidade com Francisco Morais, comunicador popular e mestre em Linguística (Recomsol-RN), Nanci Alves, jornalista e radialista (Recomsol-MG), Kátia Pichelli, jornalista (Recomsol-PR), Jessé Silva, radialista (Recomsol-PI) e Ribamar Souza, comunicador popular e filósofo (Recomsol-GO). Realizamos a pesquisa de campo do ambiente presencial em dois momentos. O primeiro foi o encontro nacional da *Recomsol*, realizado em Curitiba (PR), nos dias de 15 a 18/11 de 2001, e o segundo foi o do encontro de capacitadores nacionais, em Curitiba, entre



*mails*, entrevistas em profundidade, questionário *on line*), *procedimentos flexíveis* (entrevistas por *e-mail*) e *mestiçagem* dos processos, pois brechas nas entrevistas em profundidade tiveram que ser complementadas por *e-mail*, mas o próprio correio-eletrônico mostrou-se limitado com um dos entrevistados, que pouco acessava a Internet, o que nos levou a entrevistá-lo por *telefone*. Assim, dos quatro modos de comunicação da *Recomsol*, pudemos trabalhar com três para realizar a própria pesquisa: o presencial nos encontros e entrevistas, o correio-eletrônico e o telefone, movimento que nos levou a pensar sobre a relação *modos de comunicação e formas de expressão* que, diante da necessidade de fazer opções e recortes, não foi possível aprofundar na análise.

#### 4. Mudanças na atmosfera, transformações nos ambientes

Há pouco retomamos que o ambiente digital veio a se constituir, no ecossistema comunicativo da *Recomsol* – composto ainda pelos ambientes presencial, telefone e carta –, como *nova racionalidade produtora e organizadora de sentido*. As transformações ocorridas não podem ser afirmadas como decorrentes direta e exclusivamente das características do suporte midiático em si, mas, principalmente, das operações de significação construídas pelos membros da Rede, que definiram as práticas, as maneiras de interatuar, ou seja, as estratégias e táticas de comunicação. Podemos ver isso em relação ao *sentido de co-presença* que é motivado, entre outras operações, pela *emotividade*, não só como predisposição daquele que o reconhece no ambiente digital, ao ler as mensagens, mas no pacto estabelecido, pois quem produziu a mensagem *misturou* em seu texto conteúdos da ação com vínculos afetivos, cujo código é o *humor*, o *afeto*, o *toque* e a *apropriação do cotidiano*. Esses códigos recorrem à operação estratégica de *implicitação* de sentidos compartilhados, e transformam o ambiente digital num *lugar de encontro*, onde se pode *ver* e *sentir* o outro e reproduzir a *materialidade sensível* do contato, que marca a proximidade e tem profundas bases na experiência afetiva presencial entre os membros da Rede. Essa operação no nível simbólico é capaz de gerar uma representação emotiva tão intensa a ponto de gerar um novo modo de presença, a *presencialidade digital*.

---

29/05 e 02/06, de 2002. Dos 50 que acessam a <Comunicatlist@> somente 20 responderam ao questionário *on line*, sendo que nove eram homens e onze, mulheres. 12 são jornalistas, 2 são professores e os demais: três são estudantes, um publicitário e

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



As operações de significação dos membros da *Recomsol* no ambiente digital geram um *sentido de rede* cuja referência cognitiva não é a idéia de *complexidade*, as noções de centralização/descentralização, de conexão entre nós autônomos, todos vindos do campo teórico sobre os estudos das redes. É o fator humano de *estar juntos*, buscar objetivos comuns, união de sonhos, interesses comuns, agrupamento de pessoas em torno de causas, ações e objetivos compartilhados, que se configura como idéia de rede, ou seja, depurada de uma visão mecanicista, tecnicista ou cibernética da organização. É mais um *ethos solidário, comunicacional, relacional* do que *tecnoinformacional*.

O *sentido de visibilidade* se constrói pela ação estratégica de *implicar o outro ou seu cotidiano* na mensagem e de envolver *textos e anexos da vida cotidiana*. E essa necessidade de *ver e ser visto* não se reduz a uma prática individualista, narcisística. O saber do outro, o que e como ele está atuando, converte-se num parâmetro, um *espelho* no qual *aquele que vê o outro, vê-se nele e se reconhece*. A <Comunicalist@> veio a ser esse *espelho* diário, cotidiano, em que o membro da rede se vê e se faz visto.

O dar visibilidade às ações da prática social da rede e do mundo da vida dos membros da Rede se manifesta na <Comunicalist@> no intercâmbio de experiências, de produtos de comunicação, movido por um desejo de compartilhar para motivar, inspirar os companheiros da Rede em sua ação comunicacional cotidiana no local. E o fato de se conhecerem, de saberem a competência comunicacional do outro – aqui o atravessamento do modo presencial – gera uma pré-disposição de *confiança* nas informações compartilhadas, produzindo um efeito de *sentido de segurança e tranqüilidade*. Estas práticas e atitudes corroboram na construção coletiva do *sentido de solidariedade* que, pelas motivações que apresentamos, destoa da proposta de uma *solidariedade movida pelo desejo individual de visibilidade*, proposta por Muniz Sodré como característica do *ethos bios-midiático*.<sup>40</sup> A solidariedade também ganhou um caráter de trocas internacionais, cujas marcas estão nas mensagens de *contra-informação*, com versões outras da Guerra do Afeganistão repassadas por um membro que tinha uma amiga jornalista fazendo a cobertura. Ao chegar no ambiente digital em inglês, prontamente outro membro encaminhou-a a uma amiga, para que traduzisse ao português. Em seguida, este membro encaminhou a mensagem, já traduzida, para a <Comunicalist@>.

---

um é formado em administração.

<sup>40</sup> Muniz Sodré. *op. cit.*, 2002, p. 75.



As relações que encontramos, durante a análise, entre as ofertas de sentido contidas nos títulos e nas mensagens e as operações de reconhecimento dessas ofertas entre os entrevistados da pesquisa, estabelecendo um *contrato de leitura* entre os membros da *Recomsol* no processo de interação no ambiente digital, faz-nos ver a ação do reconhecimento, leitura, como estratégica na medida em que *ler é produzir*. Foi a vivência de leitor da <Comunicalist@> que levou Jessé a reconhecer naquele ambiente de comunicação o *sentido de solidariedade*, levando-o a motivar-se em compartilhar suas ações, dificuldades e sentimentos. Esse pacto reconhecido entre produção e recepção no ambiente digital é visível nas mensagens caracterizadas como *estratégia da estratégia*, quando os membros da Rede realizam diferentes e criativas apropriações da Pauta Criança, recebida em anexo, e da mensagem no corpo do *e-mail* que traz orientações e dicas usando os códigos de comunicação próprios da Rede.

A <Comunicalist@> veio a se tornar um novo espaço para criação de relações e vínculos entre os membros da *Recomsol*. Se o telefone cria representações e possibilita a legitimação e caracterização do outro, o faz ponto a ponto. O modo digital universalizou o processo de legitimação e as representações do outro para todos os membros da *Recomsol* no núcleo nacional, processo rico em significações a ponto de um participante intencionar, com sua mensagem de apresentação, *provocar calor*, ao mesmo tempo que outro membro faz uma extensão do colega ao tornar as imagens do presencial vivas no digital, de maneira que há uma correspondência entre os sujeitos e como são caracterizados, a partir do que escrevem, por seus companheiros, o que gera operações metonímicas de representação do outro pela *forma* como construiu a mensagem – “*ela é econômica*” – ou de o *efeito proposto tornar-se signo*: enviar mensagem para *lembrar* aniversários levou-a a ser representada como “antenada”.

O ambiente digital não é, tampouco, um lugar que, por si, torna possível a horizontalidade das relações ou o rompimento entre o ser produtor e receptor, nem estabelece os marcos do fim das assimetrias. Estas têm a ver com habilidades e competências comunicativas desenvolvidas pelos participantes da interação digital. O *ethos* da *Recomsol* voltado para ação comunicativa solidária estabeleceu espaços de troca, de intercâmbio de conhecimentos e experiências comunicacionais e tecnológicas. Espaços existenciais em que se pode reconhecer seus limites e virtudes de “*ser comunicador*”, além de espaços da ação, em que o comunicador tem a possibilidade de agregar novas competências comunicacionais, como a de produzir reportagens ou desenvolver aptidão para a Teoria da Comunicação.

Os diferentes matizes de competências tecnológicas, diagnosticadas na pesquisa, tanto nas entrevistas em profundidade como no questionário on line, envolvem o cotidiano das práticas midiáticas e não midiáticas do membro da Rede, seu grau de *imersão* no mundo das tecnologias da comunicação e informação e as significações que faz dos próprios modos de comunicação quando, por exemplo, o comunicador invoca a *indicialidade* da carta amorosa para valorizá-la em distinção com o suporte midiático do correio-eletrônico. Importa, então, reconhecer e respeitar as diferenças, nos distintos matizes de competências, buscando promover um processo rico de trocas de saberes entre aqueles que são *expertos* e os *que sabem apenas o essencial*. E ainda em relação a diferenças, o ambiente digital guarda e universaliza para todos os membros cadastrados na <Comunicait@> a riqueza das marcas regionais: paisagens, culinária, formas de escrever/falar, ritmos e temporalidades culturais regionais.

Os vínculos simbólicos construídos na *Recomsol* – para aproximar, reconhecer, compartilhar sentidos – regem as práticas comunicacionais e os modos de encontrar-se e atuar nos ambientes que ocupam. Três desses vínculos correspondem às significações da ação construídas nos ambientes de comunicação da Rede, que possibilitam as *relações afetivas*, a *liberdade para expressar-se e legitimar-se*, os *momentos de dinâmica de grupo, encontros e espaços de lazer*. Dois desses vínculos dizem respeito às representações que movem os sujeitos individuais em direção ao coletivo, cuja chave é a comunicação solidária: a *ação de fazer comunicação para a mudança social* e o *poder articular demandas sociais e individuais em torno da solidariedade na comunicação*. Um outro vínculo, embora não tenha sido aprofundado em nossa pesquisa, é um contraponto à proposição de Muniz Sodré de uma *religiosidade midiática cujo novo absoluto é a tecnologia*.<sup>41</sup> É o vínculo proporcionado pela *mística*, uma religiosidade aberta e plural, cuja inspiração é solidariedade cristã como valor moral. E aqui vale lembrar que os relatos dos entrevistados colocavam a *mística* como oposição a uma visão tecnicista, sendo a ausência dela que deixaria evidente uma postura burocratizante das ações.

Mas por que resolvemos recuperar todos esses vínculos aqui? De um lado, eles correspondem aos valores *espirituais compartilhados* e *modos de significar a ação* da Rede; logo, edificam o *ethos* da *Recomsol*, o qual denominamos de *ethos comunicativo solidário*, que equilibra e ordena todo esse *ecossistema* formado pelos *ambientes* de comunicação da

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação para a Cidadania**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Rede: o *presencial*, o *telefone*, a *carta* e o *digital*. Por outro, há ainda dois outros vínculos, tão importantes quanto esses, mas que são compartilhados com a Pastoral da Criança, que é a *causa da criança* e o *ato de ser convocado pela organização*. De três anos para cá, esses dois vínculos vêm sendo ressignificados. O primeiro, porque a prática da Recomsol vem ampliando a *causa solidária à criança* como *causa solidária* a temáticas co-relacionadas à promoção da vida da criança: educação e saúde públicas, comunicação popular, controle social.

E quanto à Pastoral da Criança, mudanças que vêm ocorrendo dentro da coordenação nacional e tiveram reflexo no modo como se construíram as interações no ambiente presencial entre os membros da *Recomsol* e a equipe de coordenação adjunta da entidade. Embora houvesse convergências nas propostas sobre o sistema *Nou-Rau*, o modo como foi apresentado, a disposição do ambiente, a postura do coordenador adjunto, suas estratégias de fala com base em números e estatísticas deixaram significações identificadas nas entrevistas de que *um modelo tecnoinformacional duro e verticalizante se colocava diante de um modelo de comunicação relacional e participativo*.

Nisso, pudemos perceber que os ambientes de comunicação não são *auto-regulados* como sistemas fechados: quando a atmosfera do ecossistema sofre mudanças, estas são sentidas nos diversos ambientes. Analisamos dois encontros presenciais da *Recomsol* e as *marcas simbólicas e materiais* denotavam atmosferas distintas. No primeiro, em novembro de 2001, a postura de vários participantes era de relaxamento, tranquilidade. Podia-se fazer anotações, esticar-se na cadeira, ajeitar o cabelo. As estratégias de comunicação para provocar o diálogo envolveram elementos midiáticos, o humor e expressões compartilhadas em peça teatral vista pelo grupo. As dinâmicas foram freqüentes e diversas, envolveram o corpo, promoveram o toque e a dança. Cada espaço do ambiente tinha objetos que envolviam a prática e a afetividade da *Recomsol*: murais com fotos de filhos e de oficinas realizadas nos estados. O hábito de interromper para o *cafezinho* fez irromper *regulações* inovadoras, para anunciar o fim do tempo de fala, como explodir uma bola para comunicar que o *tempo havia estourado* ou escrever numa placa: “xixizinho”.

No encontro de maio de 2002, o cenário do primeiro dia de encontro deixava claro que o ambiente de comunicação sofrera mudanças significativas. A ausência da organização do espaço em forma de círculo, o animador do encontro perdera o papel de mediador das

---

<sup>41</sup> Muniz Sodré. *op. cit.*, 2002, pp. 76-78.



discussões e de sistematizador das falas produzidas. Com a presença da coordenação adjunta, o ambiente foi tomado pelo discurso, falas longas, sem interrupção, participantes silenciosos. Antes, quando a verbalização das discussões começava a cansar o grupo, a linguagem corporal sempre era muito requisitada, por qualquer membro do grupo, na forma de dinâmicas e jogos. Naquele dia, em especial, nenhuma dinâmica de grupo havia acontecido, e o humor perdeu sua característica estratégica quando, na apresentação do programa *Nou-Rau*, o sistema travou e os próprios técnicos admitiram, dizendo, no linguajar comum da informática: “deu pau”. O riso surgiu na associação entre os dois termos: “Deu pau nou-rau”, mas em pequenas ilhas ao redor de computadores, onde estavam como sub-grupos. O humor que antes circulava abertamente nas formas discursivas da roda de interações do encontro transformara-se num subterfúgio, numa operação tática.

O prazer se esvaía dando lugar a um discurso racionalista, objetivista. A <Comunicalist@> também sofreu esse impacto. A perda da *intimidade* no ambiente digital tem a ver com um crescente sentimento de *vigilância* desde o final do encontro de maio de 2002. O momento de crise despertou os membros da Rede para algo que era sabido, mas a que nunca tinham dado importância: a <Comunicalist@> é gerenciada pelo servidor do Setor de Informática, que armazena e dá acesso a todas as mensagens, e várias pessoas da coordenação nacionais têm acesso às mensagens da *Recomsol*. O movimento tático se concretizou numa busca por uma *objetividade* das trocas de informação e envio de mensagens mais gerais, o que vem contribuindo para a diminuição do fluxo e da vitalidade das interações no ambiente digital. Em janeiro de 2003 foram enviadas **sete** mensagens para a <Comunicalist@> contra **44** no mesmo período em 2002.

O esfriamento das relações com a Pastoral da Criança não levou a Rede a abandonar a causa, mas conduziu o grupo a articular, em paralelo, novas formas de ação. Uma delas foi a participação efetiva na discussão e proposição de uma nova diretoria para a UCBC, no final de 2002, cujos resultados já podem ser vistos na nova formulação do Projeto de Leitura Crítica da Comunicação (LCC), que será financiado pela WACC (Associação Mundial para a Comunicação Cristã). A *Recomsol* nasce em 1994, num momento de crise dos jovens comunicadores da UCBC e, agora volta-se para a esta organização de comunicação, injetando-lhe um novo ânimo.



## Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. “Funções do trapaceiro, do bufão e do bobo no romance”. In: \_\_\_\_\_.  
*Questões de literatura e de estética*. São Paulo, Unesp/Hucitec: 1998, pp. 275-281.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de un discurso amoroso*. México, DF, Siglo Veintiuno:  
1993
- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto  
Alegre: Sulina, 1997.
- BECERRA, Martin. “La vía europea hacia la Sociedad de la Información”. *Revista Brasileira  
de Ciências da Comunicação*, Vol. XXII, nº 1, Jan/jun, 1999, pp. 35-56.
- BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BENJAMIM, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: \_\_\_\_\_.  
*Magia e técnica, arte e política*. Volume 1, São Paulo, Brasiliense: 1994.
- BETTO, Frei. “Comunicación Popular y Iglesia”. In: Regina Festa y Carlos Eduardo Lins da  
Silva (orgs.) *Comunicación popular y alternativa*. Buenos Aires, Ediciones Paulinas:  
1986.
- BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru, SP: Edusc, 1999
- BOURDIEU, Pierre. “Das regras às estratégias”. In: \_\_\_\_\_ *Coisas ditas*. São Paulo,  
Brasiliense: 1990, p.79
- BRAGA, José Luiz. “Interação e recepção”. In: \_\_\_\_ et al. *Coletânea Mídias e Recepção/2000*.  
São Leopoldo: Compós/PPGCOM-Unisinos, 2000. pp. 71-89.
- CALDAS, Paulo Cirne de. *Cultura, poder e identidade: linhas de força na análise teórica da  
mídia na obra de Muniz Sodré*. Dissertação de Mestrado. PPGCOM PUCRS. Mimeo.  
Porto Alegre: 2001.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.  
\_\_\_\_\_. *Lección inaugural del programa de doctorado sobre sociedad de la información  
y del conocimiento en Universitat Oberta de Catalunya - UOC* publicado en Boletín 33  
de Catalunya, 5 enero 2001. <[www.chile-hoy.de/INTERNET Y LA SOCIEDAD-  
RED.htm](http://www.chile-hoy.de/INTERNET_Y_LA_SOCIEDAD-RED.htm)> [8 de abril de 2002].
- CASTILLO, Daniel Prieto. *La comunicación en la educación*. Argentina, La Crujía: 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000.





- CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo, Martins Fontes: 1996
- FAUSTO NETO, Antônio. *Ensinando à Televisão – estratégias de recepção da TV Escola*. João Pessoa, UFPB: 2000.
- FESTA, Regina. Movimentos sociales, comunicación popular y alternativa. In: Regina Festa y Carlos Eduardo Lins da Silva (orgs.). *Comunicación popular y alternativa*. Buenos Aires, Ediciones Paulinas: 1986.
- FRAGOSO, Suely D. *Espaço, ciberespaço e hiperespaço*. Mimeo. PPGCOM UNISINOS. 2001a. 16 pp. (Artigo publicado em Revista Textos em comunicação, UFBA, 2001)
- \_\_\_\_\_. “De interações e interatividade”. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, Vol. III, nº 1, PPGCOM-Unisinos, São Leopoldo: Junho de 2001d.
- FRAGOSO, Suely D. et. al. *Mídias digitais - revisão histórico-conceitual*. Documento hipertextual produzido como material de apoio para a disciplina Mídias Digitais, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS. Original disponibilizado pela autora, 2001b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra, 2001
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 41ª ed., São Paulo, Paz e Terra: 2002,
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro, UFRJ: 1995.
- GOMES, Pedro Gilberto & COGO, Denise. *O adolescente e a televisão*. Porto Alegre: IEL/UNISINOS, 1998
- GOMES, Pedro Gilberto. “A comunicação não-manipuladora e a construção da cidadania”. In: *Tópicos de teoria da comunicação*. S. Leopoldo, Unisinos: 2001, pp.101-113.
- HALL, Edward T. “Proxêmica”. In: Yves Winkin (org.) *La nueva comunicación*. Barcelona, Kairós: 1994, pp. 199-299
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 8ª ed., São Paulo: Loyola, 1998.
- JOAS, Hans. “Interacionismo Simbólico”. Em Giddens & Turner (org.). *Teoria Social Hoje*. São Paulo, Unesp: 1999.
- JOHNSON, Steven. *A cultura da interface*. Rio de Janeiro, Zahar.: 2001
- LANDOW, George P. *Hipertexto – la convergencia de la teoría crítica contemporánea y la tecnología*. Paidós, Barcelona: 1995
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34: 1999.
- LEWIN, Kurt. *Problemas de dinâmica de grupo*. São Paulo, Cultrix: 1978.



- MALDONADO G. DE LA TORRE, Alberto Efendy. “Explorar a recepção sem dogmas, em multiperspectiva e com sistematicidade”. In: \_\_\_\_\_ et al. *Coletânea Mídias e Recepção/2000*. São Leopoldo: Compós/PPGCOM-Unisinos, 2000. pp. 5-18.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Comunicación y solidaridad em tiempos de globalización*. Conferencia no 1º Encontro Internacional de Comunicadores Católicos. <[www.jmcommunications.com/spanish/barbero.html](http://www.jmcommunications.com/spanish/barbero.html)> (2 de maio de 2002). 10 p.
- \_\_\_\_\_. *De los medios a las mediaciones*. México: Gustavo Gilli, 1987. pp.203 a 259.
- \_\_\_\_\_. *Dos meios às mediações*. 2ª ed., Rio de Janeiro, UFRJ: 2001
- \_\_\_\_\_. “Prefácio à quinta edição castelhana”. [1998] In: \_\_\_\_\_ *Dos meios às mediações*. 2ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. pp.11-21.
- MATA, María Cristina. “De la cultura masiva a la cultura mediática”. *Revista Diálogos de la Comunicación*, Lima, FELAFACS, nº 56, outubro de 1999. pp. 80-90.
- MATTELART, Armand. *A invenção da comunicação*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Bases para o Brasil na Sociedade da Informação: conceitos, fundamentos e universo político da indústria e serviços de conteúdo*. São Paulo, Instituto Uniemp: 1998
- MORAES, Denis de. “Mutações comunicacionais na era digital”. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, Vol. III, nº 2, Dez.2001b, PPGCOM-Unisinos, São Leopoldo. pp. 77-94
- \_\_\_\_\_. *O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001a.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São. Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- OROZCO GÓMEZ, Guillermo. *Dialética de la mediación televisiva – estructuración de estratégias de recepción por los televidentes*. Análisis. Barcelona, nº 15, 1993.
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum – comunidade mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PARENTE, André. *O virtual e o hipervirtual*. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.
- PARK, Robert E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- PEREIRA DE SÁ, Simone. *Netnografias de redes digitais*. Mimeo. 2001.



- PNUD. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2002: aprofundar a democracia num mundo fragmentado*. Lisboa, Mensagem: 2002. [versão pdf]
- POSTMAN, Neil. *Tecnopólio – a rendição da cultura à tecnologia*. Nobel, São Paulo: 1994.
- SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo*. S. Paulo, Hucitec: 1994.
- SCHEFLEN, Abert E. “Sistemas de la comunicación humana”. In: Winkin, Yves. *La nueva comunicación*. 4ª ed., Kairós, Barcelona: 1994. pp. 151-163.
- SFEZ, Lucien. “As tecnologias do espírito”. In: Francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva (org.). *Para navegar no Século XXI – tecnologias do imaginário e cibercultura*. 2ª ed., Porto Alegre: Sulina, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da comunicação*. São Paulo, Loyola: 1994.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho*. Petrópolis, Vozes: 2002
- \_\_\_\_\_. *Televisão e psicanálise*. S. Paulo, Ática: 1987
- THOMPSON, John B. “Comunicação e contexto social”. In: \_\_\_\_\_. *Mídia e modernidade – uma teoria social da mídia*. 3ª ed., Vozes: Petrópolis, 2001.
- TURKLE, Sherry. *A vida no Ecrã – a identidade na era da Internet*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1997.
- UNIÃO CRISTÃ BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. “Política de comunicação das ONGs: documento final do XVIII Congresso DA UCBC”. In: Iraci Maia Didoné e José Eugênio de Menezes (orgs.). *Comunicação e política – ação conjunta das ONGs*. S. Paulo, Paulinas, 1995, p. 235-242.
- VERÓN, Eliseo. “Análise do ‘contrato de leitura’: um novo método para os estudos de posicionamento dos suportes impressos”. (L’analyse du “contract de lecture”: une nouvelle methode pour lês études de positionnement des supports presse), in *Les médias – experiences, recherches actuelles, applications*, IREP, Paris: 1985. pp. 203-229. Tradução do original francês organizada em apostila pelo prof. Dr. Giovandro Ferreira para curso de Mídia e Discurso, PUC-RS, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Esquema para el analisis de la mediatización”. *Revista Diálogos de la Comunicación*, nº 48. FELAFACS, Lima, 1997.
- \_\_\_\_\_. *La semiosis social: fragmentos de uma teoria de la discursividad*. Barcelona: Gedisa. 1996.
- VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São. Paulo: Estação Liberdade, 1999